

Fazenda Coutos tem condição de vida africana

Esgotamento, energia elétrica legal e água encanada são privilégios de poucos no bairro mais pobre da cidade

Jornal: A Tarde
Data: 29/12/2006
Caderno: Especial
Página: 05

Ana Carolina Araújo

Dia de sol e trânsito calmo. No caminho, a paisagem vai mudando. De prédios altos e shopping centers à BR-324, construções cada vez mais precárias à margem da pista. Quarenta minutos depois de deixar o centro de Salvador, a equipe de reportagem chega a Fazenda Coutos, no subúrbio ferroviário, considerado o bairro urbano com menor índice de desenvolvimento humano (IDH) da capital pelo Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Salvador (RMS), divulgado na tarde da última quarta-feira. O bairro ganhou um índice de 0,659, contra a média de 0,791 da RMS. Mas, como disse o economista Carlos Eduardo Young, por trás de todo número há uma história, e nesse caso não é diferente. É uma vida rural dentro da cidade. Esgotamento sanitário, energia elétrica legal e água encanada são privilégios de poucos. Assim como o sonho da maioria: um emprego formal. Sobrevivendo a cada dia, Ana, Marcos e Marizete contam a sua história. Aos três, um ponto comum: o desejo de deixar Coutos assim que for possível.

Os loteamentos Fazenda Coutos I a IV se consolidaram no início dos anos 80. Para lá, foram pessoas de outras regiões da cidade, inclusive da extinta Favela das Malvinas, que foi reocupada mais tarde e acabou se tornando o Bairro da Paz. Em Coutos, também apareceram nomes curiosos como a Rua Marques de Leão, bem diferente da xará, localizada a alguns metros de distância do Farol da Barra. Num passeio a pé pelas invasões que margeiam a parte urbanizada, a impressão que se tem é de que o local foi esquecido.

Promessas - O primeiro

mas Marcos só ocupa um há mais de três anos. Ali, além da sua cama, uma geladeira, muito entulho e peças das bicicletas que ele conserta para sobreviver. Aliás, as margelas são populares no bairro, tanto por causa da falta de dinheiro para o transporte, quanto pela ausência dele.

O segundo cômodo do barraco acaba de ser liberado pela vizinha que chegou lá em 2002 com os filhos, depois que a casa desabou com um temporal. "Eu emprestei para três meses, ela ficou três anos", conta Marcos, sem uma gota de indignação. Para ele, ceder espaço para um amigo em dificuldades não é uma questão a avaliar.

Ele mora na entrada da Rua Cristóvão Barreto, tida como a principal da região. Ali, a pavimentação ainda não chegou e, na opinião dos moradores, não deve chegar. "Estou aqui há 20 anos e até agora ninguém veio. O que tem aqui foi a gente que fez", conta o guia, mostrando a cerca que isola um terreno que já serviu de depósito de lixo e um quiosque batizado de Praça 14 de Julho, em homenagem ao dia em que o pequeno espaço de lazer foi inaugurado.

Valeta - Um pouco mais abaixo, está o riacho que, de tanto lixo, recebeu o apelido de valeta. A quantidade de sujeira no local é impressionante. Há alguns anos, era comum que os moradores caíssem no lodo no caminho para o trabalho. Os vizinhos, os mesmos da praça, se juntaram para a construção da ponte que tem menos de 1m de largura, mas já resolveu parte do problema.

Depois da ponte mora Juçilene Nascimento Ferreira, 20 anos, um filho de 2. Cigarro numa mão, criança na outra, aparenta pelo menos 30, mas depois das primeiras palavras, mostra ser mesmo uma menina. Os estudos ficaram para trás há quase dez

Fotos de Antonio Queirós



No riacho, que, de tanto lixo, recebeu o apelido de valeta, a quantidade de sujeira

urbanizada, a impressão que se tem é de que o local foi esquecido.

Promessas - O primeiro ponto do roteiro foi a entrada da invasão Boca do Sapo, onde o motorista desempregado José Marcos de Assis, 62 anos, conversava com um amigo. O local já abrigou sua casa, com fundação e tijolos, que foi removida pela Superintendência de Controle, Ordenamento e Uso do Solo de Salvador (Sucom) há alguns anos, com a promessa de remanejamento. Meses sem resposta o motivaram a construir um barraco de madeira, onde mora até hoje. São dois cômodos,

30, mas depois das primeiras palavras, mostra ser mesmo uma menina. Os estudos ficaram para trás há quase dez anos, na quinta série. Ela perdeu o emprego de babá, no Stiep, mas teria dificuldades em assumir um novo posto por falta de creche para o filho. "Só tem lá nas casinhas, e a gente ainda tem que mentir e dizer que mora lá para conseguir a vaga", confessa. Ao ver a máquina fotográfica, Jucilene solta uma risada envergonhada, quase infantil. Terminada a conversa, ela desce novamente à 1ª Travessa Irecê, com os pés descalços, pisando lixo e esgoto. "Agora eu já vou, tá?"

Desemprego e evasão escolar

As dificuldades sociais enfrentadas pelas famílias de Fazenda Coutos se refletem na imagem que os jovens fazem de si mesmos e em seus prognósticos de futuro. A evasão escolar é alta, embora os índices oficiais não mostrem isso. Nas calçadas, é comum ver grupos conversando e bebendo desde o início da manhã. A maioria são homens de meia idade, mas também há adolescentes e mulheres.

A Associação Beneficente e Cultural da Colina das Malvinas (ABCCM), fundada em 1984 com o objetivo de organizar a comunidade, perdeu o rumo depois que sua sede, onde funcionava uma creche, foi completamente destruída. Telhas, portão, móveis e até louças de banheiro foram levadas pelos vândalos. O que não pôde ser levado acabou destruído. No local, além dos escombros, preservativos usados, garrafas vazias e fezes humanas

mostram que o local virou reduto de farras noturnas.

A presidente da ABCCM, Áurea Fagundes, conta que a polícia foi procurada para solucionar o problema, mas não houve resultados. "Eles nos mandaram deixar o local aberto para facilitar o trabalho da perícia, e foi assim que eles levaram, e destruíram o que ainda restava", lamenta. Parte do material retirado da sede foi revendido na região e alguns jovens moradores asseguram que o roubo é de autoria dos vizinhos, mas ninguém tem coragem de denunciar.

Na avaliação de Áurea Fagundes, o problema central de Coutos é o desemprego, que assola a maioria das famílias estimulando a violência e a criminalidade. "Muitas crianças deixam a escola porque os pais não têm dinheiro sequer para a meia-passageira. Além disso, os meninos acabam tendo que trabalhar muito cedo", conta.



Outra postura diante da miséria

Contrariando todas as previsões, há quem assuma uma postura diferente diante da miséria. Marizete dos Santos, 53 anos, catadora de material reciclável, fez essa opção. Ela mora em uma das primeiras casas da invasão Fonte da Bica, que ganhou nome por causa de um caudaloso esgoto que corre a céu aberto bem em frente ao seu portão. Ela mora com dois filhos e dois netos que sustentam vendendo material retirado do lixo da Feira do Japão, na Liberdade, a R\$0,10 o quilo. A concorrência é grande e o melhor faturamento que já conseguiu foi de R\$15 num dia. "Mas só se eu trabalhar muito mesmo", explica.

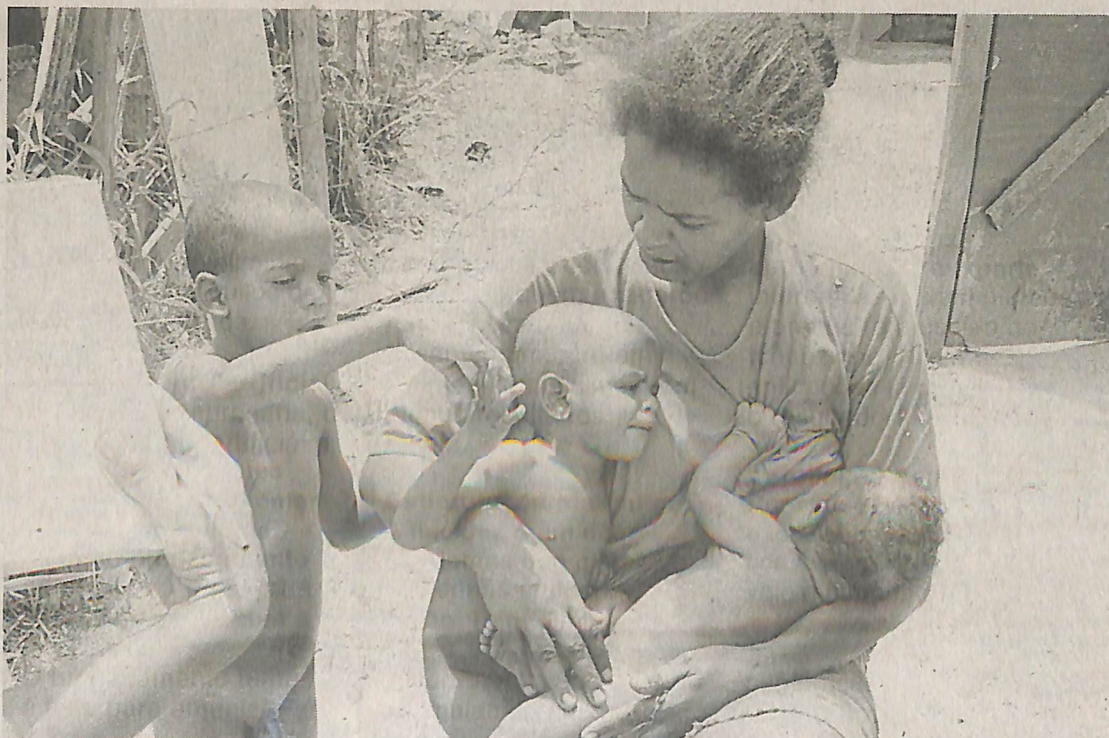
Mesmo com toda a dificuldade, a casa de dona Marizete é verdadeiramente "um brinco". As roupas são organiza-

das em armários reaproveitados e caixas de isopor. As camas do quarto onde dorme com as crianças são limpas e bem arrumadas. Ali mesmo fica a geladeira que, apesar de ter a porta presa com um cordão, tem verduras e leite. Nada comprado. "Eu trago da Liberdade, porque eles deixam muitos restos. É só lavar bem", explica.

Na frente da casa fica o que ela chama de salão, mistura de sala de estar, copa e cozinha. O fogão a lenha, que evita a despesa com gás, fica do lado de fora para evitar problemas com a fumaça e incêndios. Mas a precariedade também traz vantagens. "É essa fumaça que me livra mais dos ratos, baratas e muriçocas que saem desse esgoto. De noite, eles tomam conta de tudo aí fora, fazem até ca-

reta para gente", brinca. Por causa disso, as crianças só brincam do lado de dentro. "Se a gente facilitar, eles adoecem".

Mesmo sem querer, sua vizinha, Ana Marina Lima Nascimento, 26 anos, sete filhos, facilitou. Seus dois meninos mais novos estão doentes. Ontem pela manhã, ela os carregava, sem roupas, do lado de fora de cara. O mais velho, de 3 anos, passa por uma infestação de vermes. O menor, três meses, enfrenta uma crise respiratória. Ela chegou a procurar uma das quatro unidades de saúde que atendem mais de 30 mil pessoas, mas só conseguiu encaminhamento para um deles. "Eu prefiro ficar em casa com os dois do que ir para o médico com um e deixar o outro em casa morrendo", reclamou.



Mães de sete filhos, Ana Marina Lima está com seus dois meninos mais novos doentes

o apelido de valeta, a quantidade de sujeira impressiona

VIOLÊNCIA

ALÉM da falta de transporte, a população de Coutos também não consegue andar de táxi. A causa parece óbvia, mas não, não é por falta de dinheiro. É que os taxistas se recusam a transitar por lá. "Como o bairro tem fama de violento, eles sempre acham que é um golpe. Que a gente vai entrar e, mais na frente, encontrar com outro grupo para assaltar", afirma Áurea, que é presidente da ABCCM. O mesmo problema é enfrentado pelo garçom Ernesto Ferreira Costa, 41 anos, desempregado há três. Em todas as entrevistas de trabalho que fez esse ano, o endereço foi fator decisivo de exclusão. Primeiro, porque o sistema de transporte que dá acesso ao bairro é deficiente. "Temos que sair tarde e não tem ônibus para cá". Mas ele também já enfrentou a situação relatada por Áurea Fagundes. "Muita gente acha que todo o mundo que mora aqui é desonesto."

SERVIÇOS

Serviços disponíveis para a população de mais de 50 mil pessoas:

- 10 escolas municipais
- 3 escolas estaduais
- 3 unidades do Programa Saúde da Família
- 1 unidade básica de saúde
- Hospital João Batista Caribé (geral, maternidade e emergência para toda a região da Suburbana)